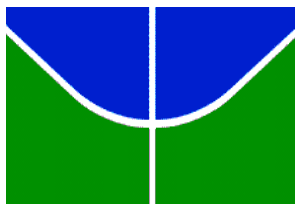


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA COMUNIDADE
RESTAURAÇÃO – MATO GROSSO – MT

AUTOR: Lúdio Araujo Corrêa
ORIENTADOR: Regina Coelly Fernandes Saraiva

Planaltina - DF
2013



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE UnB PLANALTINA – FUP
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC

TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA COMUNIDADE
RESTAURAÇÃO – MATO GROSSO – MT

AUTOR: Lúdio Araujo Corrêa
ORIENTADOR: Regina Coelly Fernandes Saraiva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para a obtenção de título de Licenciado do Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Faculdade UnB Planaltina, sob a orientação do Prof(a). Regina Coelly Fernandes Saraiva.

Planaltina - DF

2013

**TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA COMUNIDADE
RESTAURAÇÃO – MATO GROSSO – MT**

Aprovado em 06/12/2013

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Regina Coelly Fernandes Saraiva (UnB/FUP) – Orientador

Prof. Mestre Ana Maria Orofino Teles – Examinador

Prof^a. Mestre Elisângela Nunes Pereira – Examinador

PLANALTINA – DF

2013

Dedico este trabalho primeiramente a meus pais, por acreditarem na educação, a minha querida orientadora, pela paciência e compreensão com que me orientou, mostrando como construir o caminho de pesquisa. A meus familiares, professores e colegas de graduação que contribuíram para minha formação, com incentivos e ensinamentos para toda minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me proporcionado esta oportunidade de estudo, conhecimento crítico e social.

A meus pais que sempre me motivaram.

A toda minha família que me ajudou a vencer mais essa etapa me dando todo o apoio necessário.

À Escola Estadual Nagib Saad, pelo apoio concedido por todos professores, funcionários, estudantes e direção.

À Gerência do Campo da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso – SEDUC, em nome da Professora Euzemar Fátima Siqueira Lopes.

Às famílias da comunidade Restauração que contribuíram com a pesquisa, cedendo seus depoimentos.

Agradeço aos professores e professoras da Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), da Faculdade UnB Planaltina/Universidade de Brasília, que tiveram papel fundamental nessa caminhada pelo conhecimento.

Aos colegas de curso, pela boa convivência e oportunidade inédita de troca de experiências com pessoas que vieram de diversas comunidades dos estados do Centro-Oeste brasileiro.

As professoras Elis e Ana Orofino, integrantes da banca, pela atenciosa leitura e contribuições a este Trabalho de Conclusão de Curso.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a minha formação e a realização deste trabalho. Meu muito obrigado!

LISTA DE ABREVIATURAS

CEE – Conselho Estadual de Educação

CTR – Comunidade Tradicional de Restauração

DF – Distrito Federal

EDUCOM.Rádio – Educomunicação pelas Ondas do Rádio

EENS – Escola Estadual Nagib Saad

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EMIEP – Ensino Médio Integrado a Educação Profissional

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FUP – Faculdade UnB de Planaltina

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

MT – Mato Grosso

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

PROERD – Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência

PPP – Projeto Político Pedagógico

SEDUC – MT – Secretaria de Estado de Educação do Estado de Mato Grosso

TC - Tempo Comunidade

TE - Tempo Escola

TI - Terras Indígenas

TU - Tempo Universidade

TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA COMUNIDADE DE RESTAURAÇÃO – MATO GROSSO – MT

Lúdio Araujo Corrêa¹

RESUMO

Este trabalho teve como intenção sistematizar aspectos da história vivida pela comunidade Restauração, situada no município de Santo Antônio do Leverger, em Mato Grosso. Foram feitos registros sobre valores tradicionais compartilhados pela comunidade, as transformações socioculturais vivenciadas, principalmente com a chegada da escola formal e os desafios diante das transformações. O referencial teórico-metodológico da história oral apoiou a pesquisa com duas gerações de moradores de Restauração e com representantes da escola local. Os resultados da pesquisa revelaram que antes a educação na comunidade era basicamente familiar; as festas tradicionais ainda é parte viva da cultural, mas que passam por transformações; a presença da Escola Estadual Nagib Saad é parte das transformações presentes na comunidade e os desafios impostos diante das transformações que vive a comunidade de Restauração. Reconhecemos que a comunidade Restauração ainda precisa se engajar mais na luta pelo reconhecimento e valorização da sua cultura e tradições e que a Escola Nagib Saad pode ser uma importante aliada nesse processo.

Palavras-Chave: Tradição, transformações socioculturais, Restauração, Mato Grosso.

¹ Curso de Licenciatura em Educação do Campo - Faculdade UnB de Planaltina/Universidade de Brasília

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	11
METODOLOGIA.....	11
CAPÍTULO II.....	14
DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MATO GROSSO À FORMAÇÃO DA COMUNIDADE RESTAURAÇÃO	14
2.1. Ocupação da Baixada Cuiabana: Santo Antônio do Leverger e Restauração	17
2.2. Restauração e o Aassentamento da Agrovila das Palmeiras	19
CAPÍTULO III	22
HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO NA COMUNIDADE RESTAURAÇÃO	22
3.1. Como era estudar em Restauração: os primeiros letramentos	29
CAPÍTULO IV	32
TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA COMUNIDADE RESTAURAÇÃO.....	32
4.1. Escola Estadual Nagib Saad: contribuições e mudanças.....	33
4.2. As transformações necessárias e o papel da Escola Estadual Nagib Saad	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXO 1	41

INTRODUÇÃO

Neste trabalho apresentamos aspectos da história e cultura da comunidade tradicional de Restauração e suas transformações socioculturais.

Restauração está localizada no distrito de Caeté, município de Santo Antônio do Leverger, na Baixada Cuiabana, no Centro - Sul do estado de Mato Grosso. É oriunda de sesmaria², na região denominada sesmaria do Amparo que foi subdividida entre familiares transformando-se em fazendas e ao longo do tempo em vários sítios. O que se sabe a respeito de sua formação encontra-se nos registros de propriedades e nos relatos de antigos moradores, que residem no local há mais de 80 anos.

A povoação de Restauração se deu por volta do século XVII e XVIII, por meio das famílias de Antônio Corrêa da Costa e Luís Rodrigues de Araujo (Lula), que vieram de São Paulo. Essas famílias migraram para região e dominaram uma grande área considerando-se donas da mesma. Seus descendentes formaram famílias com índios Bororos da região, miscigenando-se e formando a comunidade Restauração. Ainda hoje, os relatos dos mais velhos é a principal fonte de informações sobre a época de formação da comunidade.

Em Restauração, desde o início, foi predominante o modo de vida tradicional, onde os mais velhos transmitem seus costumes e cultura.

A posse da terra foi repassada aos mais jovens de geração em geração, processo que permanece até os dias atuais.

A comunidade ainda apresenta características dos antepassados: formas de cultivo da terra; as tradições religiosas, o relacionamento entre as pessoas e o modo de se ajudarem uns aos outros, na base de troca de favores; a caça, a pesca e o plantio são realizados respeitando as regras da natureza (para a colheita levam em conta a passagem da lua); respeitam os feriados santos e domingos.

No início da década de 1980, muitas melhorias trazidas pelo governo estadual para região onde se localiza Restauração, como estradas e escolas, aumentaram os processos de migração e emigração na comunidade. Os que moravam na comunidade saíram em busca de escola para os filhos e outros vieram em busca de terras. Nisso há perdas nos princípios familiares e principalmente na conservação dos costumes e no modo de vida tradicional. Mas,

² Sesmaria foi um instituto jurídico português que normatizava a distribuição de terras destinadas à produção. Surgiu em Portugal durante o século XIV, com a Lei das Sesmarias de 1375. Este Sistema passou a ser implantado no Brasil a partir da expedição de Martim Afonso de Souza, em 1530, para o melhor reconhecimento e exploração das terras brasileiras por parte da Coroa e início de organização administrativa (OLIVEIRA, 2009).

esse processo também fez com que as famílias tradicionais de Restauração reconhecessem a importância de seus valores e costumes, mantendo os princípios em relação à preservação do meio ambiente local e do meio de vida tradicional.

A presença da escola, nesse contexto de mudanças, gerou na comunidade a necessidade de rever os princípios do modo de vida tradicional sem perder a visão da qualificação social e profissional que a educação escolar pode proporcionar. A chegada da escola gerou impactos, mas também trouxe benefícios, pois a educação, como lembra Freire (2011), é um processo de emancipação dos seres humanos, enquanto classe ou como indivíduos. Além disso, do ponto de vista profissional, a educação escolar abre muitas possibilidades e perspectivas de atuação.

Este trabalho tem como intenção sistematizar aspectos da história vivida pela comunidade Restauração: seus valores, enquanto comunidade tradicional, e as transformações socioculturais vivenciadas, principalmente com a chegada da escola e os desafios diante das transformações.

Os questionamentos que mobilizaram a pesquisa foram: como as tradições familiares se perpetuaram ao longo do tempo? Como os processos socioculturais da comunidade foram se construindo? Como funcionavam os processos educativos informais (como os primeiros letramentos e as tradições) na comunidade? Até que ponto essa educação informal contribuiu na resistência do modo de vida tradicional? Como veem a presença da escola (educação formal) na comunidade? E como o processo educativo formal contribui para as transformações da comunidade?

CAPÍTULO I

METODOLOGIA

Por meio do método é que definimos o processo de um trabalho científico, relatando como será a sua organização e os procedimentos de pesquisa.

Partindo do problema de pesquisa podemos estabelecer os critérios da pesquisa pelo método. Pesquisas que partem de uma visão histórica de uma comunidade seja ela tradicional ou não, tem que estar atentos a suas oralidades, pois essa é a primeira característica que define cada comunidade em suas particularidades. Isso contribui para a reflexão do significado da importância de saberes e fazeres da comunidade no contexto social.

Para entender os aspectos tradicionais e as transformações socioculturais em Restauração foi necessário ouvir muitas pessoas da comunidade. Foram realizadas entrevistas para compreender e sistematizar o desenvolvimento histórico de Restauração; como foi o incentivo à educação pela geração mais velha e como essa geração compreende a educação formal voltada para as novas gerações.

Caldart (2006, p. 106) afirma que “no âmbito da família, o estudo não tem valor de trabalho, mas, na visão dos pais, é ele que vai garantir o futuro melhor dos filhos”. Essa visão de Caldart é compartilhada por pessoas de Restauração, que veem a família como principal responsável pela formação dos filhos, buscando desde cedo a melhor formação e educação.

O **levantamento inicial** de dados da pesquisa teve início ainda no decorrer do curso de Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), na Faculdade UnB Planaltina/UnB, quando foram realizadas pesquisas na comunidade na “Etapinha” e nas disciplinas Prática Pedagógica e Pesquisa e Memória I, II, III, IV e V.

Na “Etapinha”³, foram solicitadas aos estudantes atividades de Tempo Comunidade (TC) onde teriam que fazer um levantamento/inventário nas comunidades para identificar: escolas, associações, Igrejas, e outros meios de organização da comunidade; origem dos estudantes e das comunidades onde vivem, etc.

Para obter informações da comunidade Restauração e Agrovila das Palmeiras foi elaborado um questionário com vinte e três questões sobre: origem do entrevistado, idade, número de pessoas na casa, participação em organizações locais, religião, atividade agrícola, cultura e opinião geral da comunidade.

³ “Etapinha” é momento inicial do curso na LEdoC (primeiro semestre), informalmente chamado desse modo. O estudante, assim que é admitido na LEdoC, é convocado para uma semana de aula inicial, a “Etapinha”. Nessa semana, são feitos os encaminhamentos das atividades para o primeiro Tempo Comunidade (TC), para serem apresentados no Tempo Escola (TE) ou Tempo Universidade (TU).

Para elaborar um inventário mais específico da escola da região, Escola Estadual Nagib Saad, foram feitas entrevistas com coordenadores e diretores.

Essa atividade de inventário da comunidade e da família de origem dos estudantes também foi reforçada nas disciplinas de Prática Pedagógica e em Pesquisa e Memória I, II, III, IV e V. Assim foram melhorados os inventários por meios de questionários e entrevistas mais específicas, inicialmente com as famílias e, em seguida, com a comunidade.

O **segundo momento** da pesquisa se deu após a qualificação do projeto de pesquisa, no qual foram realizados os seguintes passos:

Realização de entrevistas: tendo como referencial metodológico a história oral (histórias de vida e entrevistas temáticas), a partir de roteiro previamente elaborado. Foram entrevistadas sete pessoas: quatro da comunidade Restauração e duas da Escola Estadual Nagib Saad. São elas:

- três pessoas mais velhas de Restauração, entre 70 e 88 anos de idade. Escolhidas por terem mais conhecimentos da comunidade, por serem os moradores mais antigos, detentores de conhecimentos históricos, culturais da comunidade e de suas transformações. Essas entrevistas permitiram construir a árvore genealógica de famílias de Restauração; forneceu dados sobre os meios de sobrevivências dessas famílias e o modos tradicionais; além dos processos educativos que a comunidade utilizava.

- duas pessoas mais jovens, entre 35 e 45 anos de idade, para o registro de pontos de vistas sobre a comunidade e suas transformações.

- dois gestores públicos da Escola Estadual Nagib Saad para saber o desenvolvimento da escola e a relação com a comunidade.

A história oral foi fundamental e teve como referência Neves (1999, p. 7) que observa “a história oral pode no máximo recolher registros, informações e versões sobre o acontecido em um espaço limitado de tempo, não comportando referências a um passado mais longínquo, a não ser como notícias ou registros de tradições transmitidas de geração a geração.”

As entrevistas foram registradas por escrito e transcritas, considerando os modos de falar da comunidade. No entanto, as narrativas e os relatos dos entrevistados selecionados para compor o texto deste trabalho, foram trazidos dentro da norma culta da língua, sem alterar conteúdos e ideias dos entrevistados.

Pesquisa documental: foram pesquisados os títulos dos sítios das pessoas da comunidade Restauração para comprovação de dados de localização, na Agrovila e documentos da Escola Estadual Nagib Saad, como: Plano Político Pedagógico, regimento escolar, atas de reuniões, entre outros.

Pesquisa bibliográfica: para a fundamentação teórica da pesquisa, ajudando nas definições de tradição, oralidade e transformações socioculturais, e sobre aspectos históricos da ocupação da região, destacando autores como Siqueira (2002), Ferreira (2010), Barros (2004), Barros (1982).

CAPÍTULO II

DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO DO MATO GROSSO À FORMAÇÃO DA COMUNIDADE RESTAURAÇÃO

O território Centro-Oeste é composto pelos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Distrito Federal. O estado de Mato Grosso teve sua formação no século XVII pelos bandeirantes motivados pela captura de índios e extração de pedras preciosas e ouro. Habitava originalmente o território mato-grossense os índios Guaranis, Chiquitanos, Bororos, Coxiponés, entre outros. Os índios não se submeteram à escravidão e fugiram, desencadeando processos de desterritorialização das terras indígenas e ocupação da região pelos habitantes.

O Rio Paraguai foi a principal via de acesso para ocupação da região de Mato Grosso, adentrando pelo Pantanal Mato-Grossense, Baixada Cuiabana, Vale do Guaporé, regiões com predominância de Cerrado e uma variedade de matas densas e virgens distribuídas por todo estado.

O primeiro bandeirante a entrar em terras hoje mato-grossenses foi Manoel de Campos Bicudo, entre 1673 a 1682, e tinha em sua companhia seu filho Antônio Pires de Campos (SIQUEIRA, 2002). Anos mais tarde, Antônio Pires de Campos já no comando das bandeiras que exploraram os sertões brasileiros em busca de ouro, prata e índios, seguido por Pascoal Moreira Cabral, entraram em terras do atual Mato Grosso.

Segundo Siqueira (2002),

Pires de Campos, em 1718, localizou os índios nativos das margens do rio Coxipó-Mirim, chamado pelos bandeirantes, de Coxiponés. A bandeira de Pascoal Moreira Cabral seguiu ao encalço desses índios, dando-lhes violenta guerra, na qual foram perdidos muitos homens de lado a lado (p. 30).

Para Barros (1982) foi esse “prear índios” que proporcionou a fundação de Cuiabá, ainda que muitas bandeiras tenham sofrido derrotas impostas pelos índios Coxiponés, como foi com a bandeira de Pascoal Moreira Cabral.

Desesperançados, os companheiros de Cabral, de lograr vantagens sobre os índios, que se mostravam mais poderosos que a bandeira, começaram a notar a riqueza das barrancas, onde se lhes deparavam pepitas de ouro, de fácil extração. Os homens de Cabral viram jorrar ouro em suas mãos de forma abundante, nas barrancas. Isso levou Cabral a mudar de ideia, que deixou de prear índio e passou a extrair ouro. Não podia haver maior recompensa àquele que, regressando batido e abatido na luta travada, encontrara a riqueza e a glória (BARROS, 1982, p. 17 e 18).

Os bandeirantes formaram no local um Arraial chamado de São Gonçalo Velho ou Aldeia Velha, onde hoje se encontra a Capela de São Gonçalo. Nesse ponto de acampamento, os irmãos Antunes Maciel - Gabriel, João, Antônio e Felipe encontram Moreira Cabral e uniram as duas bandeiras para explorar o ouro abundante nas margens dos rios do Arraial de Cuiabá. De imediato, Antônio Antunes, foi incumbido a São Paulo para comunicar a descoberta e trazer ordens de organização dessa nova atividade. A descoberta de ouro na região exigia uma organização das bandeiras e dos mineiros, além da cobrança dos tributos em nome da Coroa Portuguesa.

Os mineiros aclamaram, como Guarda-mor, Pascoal Moreira Cabral, que, inicialmente, ficou à frente dos trabalhos administrativos e fiscais. Sua nomeação oficial, dada pelo Capitão – General da Capitania de São Paulo – da qual essas novas minas faziam parte – só ocorreu a 26 de abril de 1723 (SIQUEIRA, 2002, p. 30).

O insucesso de Moreira Cabral contra os Coxiponés e a união de Moreira Cabral com os irmãos Antunes deu origem à Cuiabá e conseqüentemente de Mato Grosso: “Foi ali na aldeia velha que se lavrou a Ata de Fundação de Cuiabá conhecida como um aranzel⁴ por causa da sua redação. Isto em 8 de Abril de 1719” (Barros, 1982, p. 19)

Assim é descrito o início da ata de fundação de Cuiabá, organizada por Moreira Cabral:

Aos oito dias do mês de abril da era de mil setecentos e dezenove anos neste arraial do Cuiabá faz junto o capitão-mor Pascoal Moreira Cabral, com seus companheiros, e ele requereu a eles esse termo de certidão para notícia do descobrimento novo que achamos no ribeirão do Coxipó invocação de nossa senhora da Penha de França depois que foi enviando o capitão Antônio Antunes com amostras que levou o ouro ao senhor general [...] (Siqueira, 2002, p. 32).

A partir do anúncio da descoberta de minas auríferas, em Cuiabá, cresceu a migração para a região. A mão-de-obra escrava negra deu todo o suporte para a exploração do ouro e povoamento do território. Com o povoamento, foram sendo descobertos novos rios e novas minas na região. Essas minas eram dadas a algum santo como padroeiro: Nossa Senhora da Penha de França, Senhor Bom Jesus, entre outros. Do local das minas iam sendo criados vilarejos e se erguiam igrejas em nome do santo padroeiro.

A cidade de Cuiabá cresceu em torno das minas, ligando uma vila a outra. Os marcos da história de Cuiabá são as igrejas que foram sendo construídas pelos mineiros e que ainda existem e foram sendo melhoradas ao longo do tempo.

Mas, a busca por índios e ouro foi só o início da história do povoamento do estado de Mato Grosso. Vários outros elementos de ordem econômica foram atraentes na formação do

⁴ Aranzel – termo popular que quer dizer: confusão, briga, lengalenga, etc.

Estado, como: cana de açúcar, borracha, erva-mate, e outros. Da descoberta de ouro em diante, as atividades eram extrativas com exigências de aglomeração onde foram se formando os vilarejos.

Com a decadência de uma atividade econômica surgia outra. O açúcar foi atividade de grande influência na economia do estado de Mato Grosso. Antônio de Almeida Lara, em 1727, plantou cana de açúcar na Chapada, hoje Chapada dos Guimarães, para fabricação de açúcar e aguardente (Barros, 1982). Entre 1870-1913, aproximadamente, houve a exploração da borracha; também teve influência econômica à erva-mate e a poaia⁵. Permeando esses ciclos, sempre esteve presente a criação de bovinos de corte e leiteiro como fonte de renda por meio da pecuária.

O estado de Mato Grosso tinha uma extensão original de 1.231,549 quilômetros quadrados, com 93 municípios. Em outubro de 1977, por meio da Lei complementar nº 31, foi criado o estado de Mato Grosso do Sul, que dividiu o território em duas faixas.

Após a divisão, Mato Grosso ficou com 901,420 quilômetros quadrados de extensão e 38 municípios. Mato Grosso do Sul ficou com 330,129 quilômetros quadrados de extensão e 55 municípios. Atualmente o Estado permanece com a mesma extensão territorial de 901,420 quilômetros quadrados, porém com 125 municípios (SIQUEIRA, 2002).

O que tem movimentado o estado de Mato Grosso nas últimas décadas é a grande produção de grãos, associada ao processo de colonização da região Norte de Mato Grosso, atraindo migrantes das regiões Sudoeste e especialmente do Sul. A meta é transformar Mato Grosso no “celeiro agrícola do Brasil” (SIQUEIRA, 2002). Com o crescimento da colonização do Norte da região, desenvolveu-se a produção agrícola, destacando-se a soja e o milho. A grande produção tem forçado a pavimentação de rodovias, migração de indústrias e pessoas para o estado, embora tenha ambientalmente levado a grande destruição do cerrado mato-grossense.

⁵ Poaia é nome dado a muitas espécies de árvores ou arbustos das famílias das Rubiáceas, plantas eméticas, nativas do Brasil.

2.1. Ocupação da Baixada Cuiabana: Santo Antônio do Leverger e Restauração

A Baixada Cuiabana, no Mato Grosso, abrange uma área de 85.369,70 Km² e é composto por 14 municípios: Acorizal, Barão de Melgaço, Campo Verde, Chapada dos Guimarães, Cuiabá, Jangada, Nobres, Nossa Senhora do Livramento, Nova Brasilândia, Poconé, Rosário Oeste, Santo Antônio do Leverger, Várzea Grande e Planalto da Serra.

Segundo o Sistema de Informações Territoriais (2011), a população total do território é de 976.064 habitantes, dos quais 77.147 vivem na área rural, o que corresponde a 7,9% do total. Possui 10.260 agricultores familiares, 11.154 famílias assentadas, 49 comunidades quilombolas e 4 terras indígenas. Seu IDH médio é 0,79. (SIT, 2011).

Figura 1: Localização de Santo Antônio do Leverger no Mato Grosso



Fonte: Wikipédia, 2013

O município de Santo Antônio do Leverger está situado à margem do Rio Cuiabá, ao sul da capital Cuiabá. Localizado na mesorregião 130, microrregião 534 de Cuiabá, Centro-Sul do estado de Mato Grosso, com altitude de 140m (IBGE, 2010). Sua unidade territorial é de 12.261, 288 km² de extensão. Com a população de 18.463 habitantes. Com a densidade demográfica de habitante por quilômetro quadrado de 1,51, tem uma estimativa populacional para 2013 de 19.302 habitantes (IBGE, 2010).

Os municípios limites são: Cuiabá, Campo Verde, Jaciara, Juscimeira, Rondonópolis, Itiquira, Barão de Melgaço, Nossa Senhora do Livramento, Várzea Grande e Chapada dos Guimarães.

A origem do nome Santo Antônio provém da história de uma imagem desse Santo que era transportada pela embarcação da companhia de Miguel Sutil com destino a Capitania de Cuiabá, que após o combate com índios pernoitaram na região. Para prosseguir viagem, na manhã seguinte, a embarcação onde estava a imagem ficou presa num banco de areia. Não conseguindo retirá-la, um dos presentes sugeriu que desembarcassem a imagem e assim o fizeram. O batelão⁶ desancorou e puderam prosseguir viagem. Uma nova monção⁷, subindo rio acima, encontrou a imagem, tentaram levá-la, mas o feito se repetiu. Então, os paulistas ali construíram uma capela que hoje não existe mais. Assim, originou o nome do município.

A criação do município de Santo Antônio do Leverger foi oficializada no dia 04 de julho de 1890, com nome inicial de Santo Antônio do Rio Abaixo. Posteriormente, houve mudança de Santo Antônio do Rio Abaixo, para simplesmente Santo Antônio (Lei nº 208, de 26 de outubro de 1938). Em 1943, houve nova alteração somente para Leverger, e finalmente, em 1948, com a Lei nº 132, de 30 de dezembro, alterou-se novamente o nome da cidade de Leverger para Santo Antônio do Leverger, que permanece até hoje. Esse novo nome homenageia além de Santo Antônio, também o Barão de Melgaço.

O nome da cidade também homenageia Augusto João Manoel Leverger - o Barão de Melgaço, francês de nascimento, e que dedicou grande parte de sua vida às causas de Mato Grosso, tendo sido presidente da Província por várias vezes. Augusto Leverger foi um bravo comandante e defensor do solo mato-grossense, por ocasião da Guerra do Paraguai (FERREIRA, 2010, p.1).

O município de Santo Antônio do Leverger só teve sua emancipação em 1890, mas desde a entrada dos bandeirantes essa região já servia de caminho de acesso ao Coxipó e mais tarde como produção de alimentos para abastecer as minas de Cuiabá. Os produtos agrícolas de primeira necessidade, tais como arroz, feijão, mandioca, farinha de mandioca, milho, açúcar e cachaça eram fornecidos por duas localidades próximas de Cuiabá: Rio Abaixo (Santo Antônio de Leverger) e Serra Acima (Chapada Guimarães) (SIQUEIRA, 2002).

Até início do século XX, toda movimentação comercial de Cuiabá era feita por via fluvial, sendo o município de Santo Antônio a porta de entrada fluvial de Cuiabá. A presença de terras férteis nas margens do rio facilitou a implantação de usinas açucareiras na região de Santo Antônio do Leverger, no período em que a produção de açúcar e aguardente movimentava a economia da região.

⁶ Batelão é uma embarcação feita de madeira, usada pelos bandeirantes e ainda hoje por pescadores no Brasil.

⁷ O termo monções aplicado às expedições fluviais no Brasil foi adotado porque o período favorável às jornadas paulistas coincidia com as viagens de Portugal para o Oriente, nos meses de março e abril, época quando um regime de ventos provocava fortes chuvas no Oceano Índico, rota dos portugueses.

No final do século XIX, o município possuía as maiores usinas de produção de açúcar, aguardente e álcool do Mato Grosso. A desvalorização governamental destas usinas levou à decadência, tornando-se patrimônio de tombamento nos dias atuais.

Santo Antônio de Leverger tem sua maior parte territorial numa zona de transição de Cerrado e Pantanal. Então pelas novas leis ambientais, que não permite atividades agrícolas que necessitem amplo desmatamento como a cana-de-açúcar e outros, a economia é voltada ao turismo, pesca, produtos da agricultura familiar, com presença da agropecuária, com destaque para a produção de milho, arroz, batata, cana-de-açúcar, derivados do leite como queijos e doces, sendo também um dos maiores produtores de mandioca e de farinha de mandioca da região.

2.2. Restauração e o Aassentamento da Agrovila das Palmeiras

A comunidade Restauração está localizada no distrito de Caeté, município de Santo Antônio do Leverger, na Baixada Cuiabana. Restauração é uma comunidade ainda muito permeada pelo modo de vida tradicional. Nos últimos anos, sofreu muitas transformações com a chegada na região de estradas, escolas e outros empreendimentos públicos, entre eles a criação da Agrovila das Palmeiras, na década de 80.

O assentamento da Agrovila das Palmeiras surge logo após a divisão do estado em Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em 1977. Com a reorganização do território, foram criados vários programas de povoamento do Mato Grosso. Com isso muitos projetos de assentamentos foram criados, no início da década de 1980. A Agrovila das Palmeiras foi planejada no ano de 1983, pelo Governador Júlio José Veríssimo de Campos, nas proximidades do Presídio das Palmeiras.

O assentamento da Agrovila Vale da Esperança (atual Agrovila das Palmeiras) se deu em terras devoluta, próximo às comunidades tradicionais Mocotéia, ao Sul; Moquéim, a Leste; o Presídio das Palmeiras, ao Norte. A Agrovila está localizada a 25 quilômetros de Restauração.

Figura 2: Mapa do Assentamento Agrovila das Palmeiras



Fonte: Corrêa, Lúdio Araujo. Mar. 2013

As entregas dos lotes ocorreram entre janeiro e julho de 1984. Nesse mesmo ano o assentamento passou a se chamar “Agrovila Júlio Campos”, nome do governador do Mato Grosso. Depois esse nome foi modificado para Agrovila Vale da Esperança-Palmeiras, nome que consta nos registros de Associação, mas hoje é conhecido por Agrovila das Palmeiras.

A Agrovila das Palmeiras foi projetada de tal forma que concentraria vários prédios públicos como: escola, posto de saúde, salão de associação, farinheira, produção de rapadura, igrejas, campo de futebol e outros para o atendimento dos moradores.

Das construções públicas previstas, poucas prosperaram. O posto de saúde existente funciona precariamente; consegue atender a comunidade com clínico geral, dentista, enfermeiros e medicamentos; em alguns momentos não há médico, dentista, nem medicamentos e nem enfermeiros.

A educação foi o que prosperou se tornando um polo na região. A escola de destaque é a Escola Estadual Nagib Saad que atende várias comunidades, entre elas Restauração.

Figura 3: Localização da comunidade Restauração



Fonte: Corrêa, Lúdio Araujo. Mar. 2013

CAPÍTULO III

HISTÓRIA, CULTURA E TRADIÇÃO NA COMUNIDADE RESTAURAÇÃO

Desde quando o homem começou se acomodar em pequenos grupos, deixando de viver em constante migração, constituindo famílias, vários nomes já foram dados para definir os grupos populacionais. O termo mais usual é “comunidade”. Comunidades são grupamentos humanos que desenvolvem sua vida em comum, compartilham ideias e sentimentos entre seus membros. São características marcantes os laços estabelecidos entre mães, pais e filhos, marido e mulher e irmãos e irmãs, e entre outros sujeitos coletivos.

Aos grupos que perpetuam resistência há longa data nos mesmos costumes e culturas denominam-se comunidades tradicionais. O Brasil apresenta grande variedade de modos de vida e culturas diferenciadas que podem ser considerados “tradicionais” como os indígenas, quilombolas, ribeirinhos, entre outras, tentam dar continuidade as tradições recebidas dos antepassados, repassando de geração em geração seus costumes e tradições, principalmente por meio da oralidade.

Em comunidades tradicionais, segundo Castro (1997, p. 168). “a organização das atividades de trabalho não está separada de rituais sacros, de festividades ou outras manifestações da vida e da sociedade grupal, responsável por maior ou menor integração das relações familiares e de parentesco.”

O calendário de vida de comunidades tradicionais é definido pelos mais velhos, que dispõem de grande saber adquirido ao longo da vida, que são repassados e respeitados por todos na sobrevivência social e reprodução do grupo, colocando assim, as relações familiares em primeiro lugar.

Neste capítulo, registramos experiências históricas e culturais vividas por homens e mulheres trabalhadores e trabalhadoras que fazem da terra a ferramenta de trabalho para vida.

Desde o período colonial, o estado de Mato Grosso, está aberto a chegada de pessoas oriundas de diversos lugares. Pessoas vindas do Paraná, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro, e outros. Migraram em diferentes momentos históricos para o território mato-grossense na busca por melhores condições de vida, movidos pelo sonho de encontrar terras férteis e abundantes, fixando-se em diversas regiões do estado, principalmente às margens do Rio Cuiabá e Coxipó. Foram se formando povoados nas margens dos rios, próximos de nascentes e alagados, onde o solo é mais fértil e oferecia melhores condições de vida, vivendo

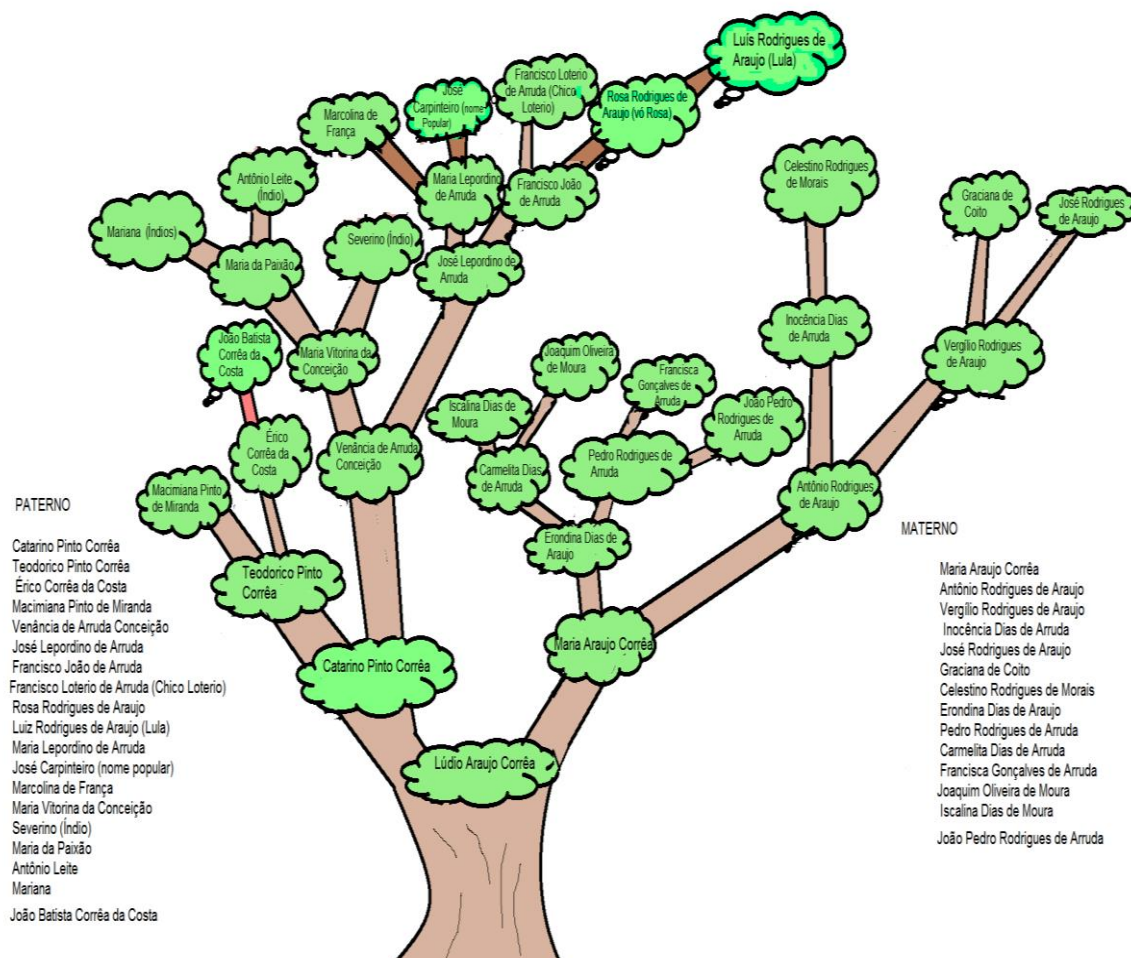
de maneira em comum, compartilhando valores e práticas sociais, culturais e religiosas, constituindo-se as comunidades tradicionais da Baixada Cuiabana do estado de Mato Grosso.

A região de Restauração teve sua formação original a partir dos índios chamados Bororos. Os primeiros contatos dos Bororos com os bandeirantes se deu por volta do século XVII, tomando drásticas direções como afirma Mendonça (2006, p. 27): “Foi uma história marcada por agressões e insultos desde o início”. Tudo isso porque o objetivo dos bandeirantes era prear índios para mão-de-obra barata nas Capitânicas e regiões colonizadas. Depois esses índios foram usados na exploração de ouro e para conduzir comitivas de bandeirantes nas matas densas de Mato Grosso, bem como tiveram grande participação na companhia do Marechal Rondon, usados como grupos de frente para abrir picadas na implantação da rede telegráfica pelo Centro-Oeste e Leste do Brasil.

Desde o primeiro contato com os bandeirantes vários nomes foram dados a estes povos: Coxiponé, Araripoconé, Araés, Cuiabá, Coroados, Porrudos, Boe-Bororo. Atualmente estes povos são chamados de Bororo na linguagem nativa que dizer "Pátio da Aldeia". Existem seis terras Indígenas - TIs no Estado de Mato Grosso: Meruri, Perigara, Sangradouro/Volta Grande, Jarudori, Tadarimana e Teresa Cristina. Sendo esta última nas margens do Rio São Lourenço há menos de 150 quilômetros da comunidade Restauração.

A colonização de Restauração teve início com as famílias Corrêa da Costa e Rodrigues de Araújo. Com a chegada dessas famílias ainda foi possível conviver com os índios que viviam na região. As famílias foram se misturando com os índios. No trilhamento genealógico das famílias de Restauração, chegamos a índios que se casaram com pessoas das famílias Corrêa da Costa e Rodrigues de Araújo.

Figura 4: Árvore genealógica da família Corrêa da Costa e Rodrigues de Araujo, de Restauração



Fonte: Corrêa, em 20/06/2011

A árvore genealógica demonstra o entrelaçamento de Bororos e os representantes das famílias Corrêa da Costa e Rodrigues de Araújo ao longo da história, perpassando por sete gerações, e também com negros que viviam na região.

As pessoas mais velhas da comunidade contam que a história de Restauração surge com a chegada de um homem chamado: Luís Rodrigues de Araújo (Lula) e do Senhor Antônio Corrêa da Costa. Estes homens tiveram destaque na região, como grandes proprietários de terras, sucumbindo negros e índios como regia a cultura da época. Lula era um paulista que migrou para a região e na época dominou uma grande área, sendo considerado dono da mesma, segundo os registros orais.

Da mistura de paulistas, cariocas, negros e índios formou-se a comunidade Restauração. Nas lembranças⁸ surgem histórias dos encontros e formação das famílias:

“Chico Loterio veio do Rio de Janeiro, passando por rico, casou com a filha do Lula que se chamava Rosa Rodrigues de Araujo (Vó Rosa). Eu conheci os filhos do Chico Loterio com Vó Rosa, já bem velhos... A mãe, Maria Lepordino da Conceição, veio de Severino que era índio e Maria da Paixão que era negra.”

Na comunidade de Restauração, desde seu povoamento, a posse da terra era repassada de geração em geração, como ainda é hoje.

Figura 5: Casa de morador, em Restauração – MT



Fonte: Lúdio Araújo Corrêa, 2013.

⁸ As falas dos entrevistados serão destacados com a fonte em Itálico para dar-lhes o devido destaque e o perfil do depoente será omitido em respeito aos critérios éticos do anonimatos dos participantes da pesquisa.

Figura 6: Casa de morador, em Restauração – MT



Fonte: Lúdio Araújo Corrêa, 2013.

Restauração é assim chamada desde os tempos de sesmaria. Suas terras pertenciam à sesmaria do Amparo, que foi subdividida entre familiares, transformando-se em fazendas e ao longo do tempo, em vários sítios. Muitos relatam que toda a região era conhecida por Amparo, e a pequena localidade era conhecida por Restauração. Pouco se sabe a respeito da origem do nome, como relatam os mais velhos que residem na comunidade: *“Desde criança o povo mais velho já falava da Restauração no Engenho, Monte Alegre”*.

“Restauração não sei, isso é idoso, desde meu tempo já tinha Restauração... desde Joaquim Corrêa já tinha Restauração, e ele já era velho. Quando me entendi por gente, já se falava em Joaquim Corrêa da Restauração”. Joaquim Corrêa era um dos antigos moradores da comunidade e pertencia a família Corrêa da Costa, que ajudou a formar a pequena comunidade.

Restauração ainda tem traços da colonização de Mato Grosso, como descreve Siqueira (2002, p. 26): *“viviam na fartura quanto à alimentação, porém suas casas eram muito rústicas, tanto no mobiliário quanto na ornamentação. Essa simplicidade e rusticidade, porém, não significa pobreza”*. A maior parte das casas da comunidade é de barro⁹, sem muita mobiliária, pois a prioridade é fartura alimentar. Com isso todo trabalho da comunidade é

⁹ Casa de barro são construídas com toda base, pilar e parede de madeira coberto com barro. A cobertura é feita geralmente com palha de coqueiro que nos últimos tempos, em Restauração, tem sido substituída por telha.

dedicado à produção de alimento. Até pouco tempo, a construção das casas em Restauração era feita em mutirão.

Os mutirões também eram comuns na comunidade para “fazer a roça”, nas colheitas e outras atividades do dia-a-dia que exigem maior força de trabalho.

Figura 7: Casa de morador, em Restauração - MT



Fonte: Lúdio Araújo Corrêa, 2013.

O conceito cultura traz uma ampla discussão dentro do que pode ser considerado cultural na tradição de um povo. Podemos considerar desde a linguagem, danças e costumes de cada território como parte das tradições. Para Silva (2010, p. 33): “A cultura é o maior patrimônio de um grupo. Se um grupo deixar sua cultura, ele perde a sua identidade como um todo”. Silva (2010) observa que a cultura é toda característica que um grupo cria ao longo da existência e é parte de sua identidade.

A cultura está vinculada a um contexto geral de formação de uma comunidade, norteador pelo “sistema simbólico coletivo, público e expressivo que constitui uma visão de mundo que informa a ação e a prática humana” (BRASIL, 2012).

As festas na Restauração são organizadas de forma coletiva, ou seja, todos da comunidade ajudam desde o início até o final da festa, independente de quem vai fazer a festa. As festas são anuais em Restauração, e normalmente se realizam a partir de promessas feitas por alguém da comunidade. Todo ano, no dia ou mês que comemora o santo é realizada a festa: São Sebastião (em janeiro), São Benedito (em julho) e outras como Santa Luzia, Nossa Senhora Aparecida e São Gonçalo, que geralmente se celebram junto com os outros santos.

Nas tradições culturais de Restauração é forte as danças do Cururu, Siriri, reza cantada e dança de São Gonçalo. Essas práticas são comuns nas festas, assim como comidas, bebidas, doces, e outros elementos que enriquecem as festas da comunidade.

O Cururu e o Siriri são duas manifestações culturais das regiões pantaneiras de Mato Grosso do Sul e Mato - Grosso, sendo este último detentor da maior quantidade de ativistas desta manifestação tradicional de cântico e dança. Hereditário, o Cururu e Siriri, ainda de predominância familiar, é um misto de elementos africanos, europeus (Espanha e Portugal) e indígenas que ecoam a religiosidade e a brincadeira (VIOLA DE COCHO, 2010, p.01).

Sobre as tradições culturais os moradores mais velhos relatam:

Fui criada com Cururu e Siriri e, depois de grande, aprendi a dançar baile tocado na viola de cocho... com tempo o povo foi trazendo catira, tudo tocado na viola de cocho. Nas festanças a comida era: arroz, feijão, mandioca, carne, maxixe, abóbora, palmito de babaçu, que com o tempo foi substituído por macarrão. A carne tinha diversas formas de preparar como rolão, almôndega, picadinho, linguça.

Sobre as festas, relatam os mais velhos: “nas festas de santo o propósito é tratar o povo bem... brincadeira animada, rezar e brincar...”

É nesse espírito de religiosidade e brincadeira que vive a comunidade de Restauração, usufruindo e transmitindo suas tradições de geração em geração, como afirma uma moradora: “o Cururu e Siriri são culturas de Mato Grosso, os mais velhos faziam essas festas, e é isso que queremos deixar para os mais novos”.

As festas tradicionais são muito valorizadas pela comunidade. Os mais velhos e a nova geração apresentam essa percepção. Nos relatos, os mais velhos salientam as tradições: “Eu acho muito importante ter uma tradição dessas, tendo amigos e parentes participando. A gente vem fazendo como achamos no começo, como faziam os mais velhos, quer dizer, um pouco diferente, mas está no caminho”.

Alguns ressaltam as diferenças e transformações que identificam nas festas organizadas pela comunidade. O passado e o presente são trazidos na narrativa dos mais velhos:

A gente tinha que ficar pronto para receber a mala de quem vinha. Comida era na mesa, não tinha fila. Nisso mudou muito, para comer agora tudo na fila, não se importa com a mala de ninguém, cada um toma conta do seu. Nesse tempo era mais animado, a festa não parava, começava, e já ia embora.

Sobre a importância da cultura tradicional os mais velhos reconhecem sua importância e reforçam seu valor: “gosto de trabalhar na roça, gosto de trabalhar com ferramenta, tenho

espírito de homem. Aprendi a fazer pote, panela de barro, peneira, apá¹⁰, tecia rede, fiava, tecia corda de algodão... se pudesse continuava fazendo esses serviços". Na visão dos mais velhos é importante a nova geração aprender essas tradições

"porque é um entretenimento... os cuidados dos pontos no urdir, no preparo da massa do pote, a liga... senão racha. Fazer farinha, rapadura, roçar da alegria pra gente. A adubação é para terra sem queimar; a terra queimada não precisa de adubo. A terra sem queima tem muita peste e inseto. A terra queimada puxa a umidade..."

Nesse trecho, a moradora se refere às mudanças na forma de trabalhar a terra, que passou da roça feita com foice e machado para o desmatamento com o uso do trator: *"não usa mais queimada, mais usa muito agrotóxico"*, reconhecendo como as formas tradicionais de produzir se modificaram.

Nas falas de moradores, podemos perceber as mudanças e transformações nas tradições culturais, mas que ainda resistem e fazem parte da vida da comunidade de Restauração. A importância das tradições é ressaltada entre os moradores, que observam *"hoje como tão valorizando nacionalmente eu acho importante, mais antes tinha vergonha"*.

As manifestações culturais existentes na comunidade de Restauração são reconhecidas como um "ensinamento" a ser repassado para as novas gerações.

3.1. Como era estudar em Restauração: os primeiros letramentos

Desde o início da formação da comunidade foi grande o dilema para obter o estudo, porque não tinha escola na comunidade. Os primeiros letramentos eram feitos informalmente pelas famílias. Pessoas da comunidade ensinavam aos mais novos o *"abecedário"* e assinar o nome. Os que tinham um pouco de estudo criavam salas de aula em suas casas e os pais que se interessavam que os filhos estudassem custeavam a despesa do filho com o ordenado do professor. Os que moravam longe ficavam a semana toda na casa onde funcionava a escola.

Uma moradora relata como esses processos ocorriam:

"Os mais velhos estudaram, ou melhor, sabiam ler, como o Lula e João Batista, que eram os que vieram de São Paulo e Rio de Janeiro, eles ensinaram a ler e escrever aqueles mais novos que tiveram interesse de aprender, isso era feito na casa do professor de modo informal."

Nos relatos das pessoas mais velhas de Restauração ainda estão presentes memórias dos primeiros letramentos: *"papai nos trazia na Dona Ervira; trazia carne, arroz, trazia tudo de comida, ela me ensinou bem devagar..."*. Dona Elvira (conhecida como Ervira) era a

¹⁰ Apá é um tipo de peneira que não possui furos; peneira utilizada para abanar ou retirar as impurezas dos cereais.

professora que dava aula na região, em sua própria casa, e os pais que se interessavam levavam os filhos para ela ensinar e contribuía com a despesa da casa.

Estudar é reconhecido entre os mais velhos da comunidade como uma coisa importante e relembram *“esse pouco que eu aprendi valeu muito.”* Em Restauração, muitos dedicaram sua vida de trabalho como boiadeiros e vaqueiros. Esse trabalho também é muito valorizado entre eles: *“meu signo era gado”*.

Outros lembram como essas pequenas escolas eram ainda muito informais: *“A oportunidade de estudar que nós tivemos foi fácil e difícil... tudo dado até... mas não recebi nem papel de graduação.”* O morador, neste relato, lembra a escola que ele frequentou por cerca de três anos e onde recebeu algum letramento.

Em Restauração, os que quisessem avançar nos estudos tinham que se deslocar para as cidades próximas. Essa experiência foi vivida por muitas pessoas da comunidade: *“Eu estudei em Coxipó, a professora era irmã de caridade. O estudo era ano A, ano B e ano C, aí mudava para o terceiro e quarto ano.”* A moradora se refere em sua fala a uma escolinha que havia na região de Coxipó, hoje bairro Coxipó, em Cuiabá.

Mas muitos não chegavam a completar as fases iniciais de estudo, pois mesmo sendo criança tinham que cuidar da casa e das crianças das famílias onde moravam quando saíam de Restauração. Uma moradora relembra durante a entrevista que quando criança foi morar na casa de um senhor para trabalhar e estudar com apenas dez anos de idade. Segundo ela, não davam tempo para ela estudar; o dia que a liberavam para estudar, logo chegava um bilhetinho pedindo para a professora liberá-la para fazer algum serviço em casa. Na angústia de aprender, e com a agonia de ter sempre que sair para trabalhar, resolveu parar de estudar. Ela conta que mesmo sendo criança tinha que lavar roupa, limpar casa, encher os “depósitos de água” e fazer outras coisas. Ela relembra que naquele tempo, tudo era braçal, então para ela encher o “depósito de água”, ela e outro menino, menor do que ela. Usavam um “burrico” (jumento) com um suporte que fizeram para carregar duas latas de vinte litros de cada lado; com esse jumento “baldeavam” água para encher o “depósito” e os potes.

Havia na comunidade uma preocupação com a formação escolar. Mas alguns observam que, nos tempos mais antigos, não eram todos que se preocupavam e os que preocupavam nem todos podiam colocar os filhos na escola, porque as coisas eram difíceis e para estudar era só na cidade. Muitos colocavam só os homens para estudar e as meninas não. Nas gerações mais novas aumentou essa preocupação com estudo, e os velhos explicam essa mudança por causa da exigência de saber ler e escrever que passou a ser maior.

Os mais velhos alegam ter perdido a oportunidade de estudar. Relatam que receberam convites para ir trabalhar e estudar na cidade, *“com salário, casa para morar e dormir”*, mas ressaltam: *“cai na besteira de não aceitar... Meu padrinho de batismo morava na cidade, insistiu para que eu fosse morar com ele na cidade para estudar... ele dava comida, roupa e até dinheiro de vez em quando.”*

A realidade de deslocamento da comunidade para obter o estudo continua muito presente nas novas gerações entrevistada, que apesar de viver fora da comunidade, possui vínculos familiares: *“Para eu poder estudar meu pai me levou, ainda menina, para a escola da cidade, onde estudo e vivo até hoje.”*

CAPÍTULO IV

TRANSFORMAÇÕES SOCIOCULTURAIS NA COMUNIDADE RESTAURAÇÃO

Transformações socioculturais se dão quando mudanças começam a ocorrer em uma comunidade. Segundo Catenacci (2001. p. 32) “para compreendermos as mudanças que ocorrem na cultura popular, é necessário situá-las como parte de um processo mais amplo de transformações econômicas, sociais e políticas do país”.

A cultura popular é muitas vezes neutralizada pela indústria cultural, pelo capitalismo, numa proporção brutal, inibindo o desenvolvimento crítico do indivíduo, submetendo a uma alienação, enquanto deveria usufruir o bem comum e natural em nome da produção de liberdade espiritual. Muitas vezes as comunidades tradicionais são levadas pela estética da indústria cultural (televisão, rádio, internet, etc.), que tem como finalidade ocupar atenção das classes populares como algo absoluto. Esse aspecto dá margem para que as transformações culturais em comunidades tradicionais ocorram.

Podemos perceber numa análise do desenvolvimento histórico e cultural da comunidade Restauração que antes a educação era basicamente familiar: os mais velhos passavam aos mais novos, suas experiências adquiridas ao longo da vida.

Essas formas de educação vão ao encontro do entendimento de Nunes (2004):

Primeiramente, ela significa a atividade desempenhada pelos adultos para assegurar a vida e o desenvolvimento da geração mais nova, das crianças, dos adolescentes e jovens, e para despertar e fazer crescer as suas habilidades e poderes físicos e espirituais. Em segundo lugar, a educação significa o processo de crescimento pessoal, assumido pelo próprio educando, ao tomar consciência de sua pessoa, de suas aptidões, de metas sociais desejáveis, de um ideal de vida (p. 36).

Nos últimos anos, a comunidade Restauração tem apresentado transformações no modo de vida tradicional. É perceptível pela comunidade que a cultura, as festas, o modo de viver está se modificando.

As transformações socioculturais são identificadas como positivas e negativas nos relatos de moradores e moradoras de Restauração. Alguns reconhecem que a necessidade de terem que sair da comunidade para estudar. Ainda que seja muito importante o estudo no desenvolvimento da comunidade, esse fenômeno de sair para estudar é um forte elemento que contribui para modificar a cultura e o modo de vida tradicional. Alguns ressentimentos foram trazidos pela comunidade, entre os entrevistados, a escola nesse sentido: “*mudou só na coisa*

da escola, que mudou tudo pra lá.” isso porque muitas pessoas deixaram Restauração, mudando-se para a Agrovila das Palmeiras, para que os filhos pudessem estudar.

4.1. Escola Estadual Nagib Saad: contribuições e mudanças

A Escola Estadual Nagib Saad, está localizada na Agrovila das Palmeiras, no município Santo Antônio de Leverger – MT. É mantida pela Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso – SEDUC - MT. Tem como patrono Nagib Saad, um sírio que adotou estas terras como sua, ao chegar ao local em 1923.

Nagib Saad nascido na Síria em 1895. Chegou a Santo Antônio de Leverger em 1923, instalando-se como comerciante e integrando-se na comunidade. Constituiu família, casando-se com D. Lígia Fontes Bicudo, pertencente a ilustre família nossa cidade, Marques Fontes Bicudo. Homem progressista, procurou canalizar água para as primeiras residências da cidade, nos anos de 1942, ficando famoso com o catavento instalado no tradicional Porto do Lampião (PPP, 2010, p. 02).

A Escola funciona em três turnos: matutino, vespertino e noturno, mantendo o Ensino Fundamental (1º. ao 9º. Anos), o Ensino Médio, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e um curso técnico em Agroecologia. Mantém salas anexas nas comunidades de Água Branca e Gleba Resistências, num sistema multisseriadas, em atendimento à demanda daquelas comunidades.

A área da Escola Estadual Nagib Saad é de 20.000m². Conta com a infraestrutura de oito salas de aula; dois banheiros; um auditório climatizado com 81 assentos; uma sala de vídeo climatizada com vinte e cinco assentos com uma televisão para projeção de filmes educativos; uma biblioteca climatizada com mais de três mil livros; um laboratório de informática, uma secretária que funciona os três turnos; uma sala do professor com banheiro; sala da coordenação; cozinha com dispensa; pátio coberto com palco. Atualmente a Escola tem 562 estudantes matriculados.

Uma das entrevistadas relata sua visão da Escola:

Cheguei aqui em 1998. Houve uma melhora muito grande, tanto no aspecto físico quanto no pedagógico. Hoje 99% dos professores são graduados na área específica de trabalho, com especialização e até mestrado, ao passo que 1998, a Escola contava com uma minoria de professores graduados. Hoje a escola dispõe de recurso didático que antes não tinha tipo: biblioteca, laboratório de informática, sala de vídeo, data show, e etc.

Moradores de Restauração reconhecem a importância da Escola na região. Quando foram questionados sobre o que mudou com sua chegada, reconhecem seu papel positivo:

“mudou bastante, porque dessa leva tinha muita gente besta.” O entrevistado se refere à falta de letramento e a dificuldade para ter acesso à escola que existia na comunidade. *“Mudou muita coisa, na visão positiva e negativa; houve uma grande mudança porque as crianças não precisam mais ir para a Capital estudar; para a comunidade teve deslocamentos das pessoas de uma para outra [referindo-se à saída da comunidade para a Agrovila das Palmeiras].”* Por outro lado, salientam que *“as pessoas eram bestas, mas respeitavam a casa dos outros, pediam licença quando chegavam, antes de entrar, hoje não usam mais isso”*.

Uma visão negativa é trazida quando reconhecem ainda a necessidade dos moradores de Restauração terem que sair da comunidade para ter acesso à escola. Com esse processo, a comunidade sofre muito com a chegada dos novos valores que interferem no processo de valorização do aprendizado coletivo familiar; as relações em Restauração sempre foram pautadas pela humildade e simplicidade de cada família.

Para alguns moradores e moradoras. O que motiva as transformações socioculturais é que

“as coisas foram ficando mais caras ou mais fácil de fazer, porque quem faz a festa acaba ficando sozinho e agora não faz mais como antigamente. Antigamente era mais difícil [difícil] os serviços e os meios de transporte, mas a festa era mais animada; agora o cururu logo acaba.”

Antes na Restauração as festas começam no entardecer e agora amanhece sem nada; o povo vem só na hora da comida e vai embora, pois a maioria é empregado e tem que deixar a festa cedo para trabalhar no outro dia. As festas antes duravam de cinco a oito dias e, hoje, duram no máximo dois dias. *“Se levanta bandeira no sábado, no domingo tem que descer cedo, porque as pessoas têm que ir embora, pois na segunda-feira têm que estar no serviço.”*

As mudanças aparecem nos relatos: *“Minha mãe falava ‘vai mudar tudo’, nós não vamos mais comer da semente que planta, vai haver anuência das coisas”*. *“Anuência das coisas”* quer dizer que o alimento não seria mais produzido pelas próprias mãos, se refere às farturas da natureza que, com o tempo, passariam a ser propriedade particular e que iriam faltar condições de vida, alimento para a população com destruição do meio ambiente.

As mudanças também são observadas no modo de fazer as festas: *“As festas, tempos atrás, quando ia fazer uma festa socava milho, socava arroz, matava capado para esse fim. O melhor que era tudo voluntário no que diz respeito as festas... era desde os trabalhos de preparativo até a limpeza depois da festa”*.

Nesses relatos ficam explícitas as transformações na comunidade. Em relação às festas, embora ainda sejam realizadas, reclamam que *“falta animação e compromisso com a comunidade. As festas que eram realizadas com comida, bebida, danças regionais, hoje não*

agrada se não houver som eletrônico, bebidas e muita propaganda comercial.” Outra fala reforça essa visão:

O povo parece está desanimado, porque antes numa festa dezesseis horas, em diante, já tinha Cururu e só parava no outro dia... e continuava o Siriri até a noite novamente. Qualquer material que fizesse som, já fazia a festa, agora usa som mecânico em auto volume e ninguém dança; sendo que antes era na viola de cocho e todo mundo participava.

As transformações socioculturais identificadas são permeadas por elementos positivos e negativos entre os entrevistados: *“antes só dançava siriri, cururu; depois quase não dança mais isso, só dança baile”*. Outro exemplo trazido diz respeito a linguagem local:

“Eu não falo nossa língua porque foi corrigido; foi tirada nossa cultura. Quando entramos na escola somos forçados a entender e pronunciar numa linguagem nacional. Isso interrompe a linguagem local, formando outra linguagem com a mistura da de origem com o recebido na escola”.

4.2. As transformações necessárias e o papel da Escola Estadual Nagib Saad

A maior parte dos estudantes da Escola Estadual Nagib Saad são oriundos do campo, das comunidades tradicionais da região. A criação do curso de Agroecologia revela preocupações da Escola em proporcionar uma formação mais voltada para as demandas e necessidades dos sujeitos do campo.

Ao analisar a proposta pedagógica da Escola, percebemos a preocupação dela em desenvolver projetos voltados para integrar à realidade dos seus educandos, como o Projeto Identidade e o Projeto Articulação. Contudo são práticas que ainda demandam mais articulação com as comunidades, como a de Restauração, no sentido de promover maior valorização dos saberes e fazeres tradicionais, ainda muito presentes naquela comunidade. A Escola ainda tem revelado uma preocupação incipiente com essas questões. Nesse sentido, nos relatos, os moradores e moradoras entrevistados chama a atenção sobre a desvalorização da linguagem tradicional ao longo do tempo.

A linguagem, assim como outros elementos da tradição local, são elementos importantes que a Escola Estadual Nagib Saad poderia se comprometer em resgatar e estimular estudos e pesquisas entre seus estudantes, evitando desse modo uma formação alienada da realidade local. Reconhecemos que essa questão precisa ser colocada como estratégia no debate pedagógico da Escola.

Propostas com esse alcance estão mais próximas das comunidades tradicionais e dos princípios da Educação do Campo que visa à formação do sujeito do campo como sujeito do campo, para o campo, não meramente a formação de pessoa tecnicamente qualificada.

É dever do Estado viabilizar a formação numa perspectiva que envolva as experiências diárias e o trabalho como princípios formativos, colocando a escola como a continuação da formação para a vida, superando desafios. A Educação do Campo ocorre como resistência ao capital financeiro, que patrocina o agronegócio na produção de monocultura em grande escala, e contrapõe a agricultura familiar de comunidades tradicionais/camponesas, impedindo que esses sujeitos do campo se desenvolvam.

Por outro lado, reconhecemos que a comunidade Restauração ainda precisa se engajar mais na luta pelo reconhecimento e valorização de sua cultura e tradições. Nesse sentido, a Escola Estadual Nagib Saad pode ser uma importante aliada. A presença da escola pública na região deve ser defendida para atender à comunidade e valorizar a identidade local. Não podemos esquecer que é dever do Estado atender os interesses dos trabalhadores, e entre eles as comunidades tradicionais, num processo formativo de emancipação humana.

Reconhecemos a presença da Escola Estadual Nagib Saad como uma conquista, mas ainda falta na comunidade tradicional de Restauração processos organizativos capazes de pressionar o sistema educacional no sentido de ser mais reconhecida nas práticas escolares locais. Reck (2007) reforça essa observação:

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica do Campo estabelecem que a educação pública básica do campo deve se consolidar através das parcerias entre os sistemas educacionais e as demandas provenientes dos movimentos sociais, articulando a proposta pedagógica institucional às diretrizes, a um projeto de sustentabilidade, a avaliação institucional e ao controle social da qualidade da educação (p. 19).

Observando a partir da realidade de Restauração vemos que a comunidade ainda não tem as condições necessárias para que as crianças estudem próximo de casa, tornando obrigatório o deslocamento territorial a muitas gerações. Os princípios da educação do campo reforçam o respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e etnia (BRASIL, 2012). Dar valor a essas especificidades não é meramente pregar que devemos respeitá-los, mas dar condições para que realmente aconteçam na educação local.

Então devemos fomentar o senso crítico por meio da identidade local e regional, dando condições inclusive para que as comunidades tradicionais possam dialogar com a modernidade, sem perder sua cultura, tradição e identidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo sistematizou a história da comunidade tradicional Restauração, suas transformações socioculturais, a presença da Escola e quais os desafios diante dessas transformações.

Constatamos a partir da pesquisa realizada que as pessoas mais velhas participaram de momentos na história em que as tradições e a cultura eram preservadas e norteavam as atividades desenvolvidas por cada membro da comunidade. As aprendizagens nesse período se davam de maneira informal, por meio das atividades desenvolvidas no dia-a-dia, na lida

com a terra, na época de plantio e colheita, no cuidado com o meio ambiente, nas festas e nas rezas.

Com a chegada da educação formal na região, principalmente da Escola Estadual Nagib Saad as pessoas mais velhas não tiveram uma participação direta no processo de implantação da escola e na organização pedagógica. Os entrevistados conseguem mensurar com clareza os benefícios causados com a chegada da Escola, mas também percebem que ela contribuiu para fragmentação do conhecimento tradicional. Mas pouco tem sido feito para que os mais jovens valorizem os saberes e fazeres tradicionais. Conheçam suas origens familiares e históricas, as danças e demais rituais realizados na comunidade. A falta de interesse em compreender a própria cultura causa um afastamento dos jovens que, em contato com a indústria cultural, acabam preferindo os sons mecânicos e desprezam a cultura local.

A Escola trouxe conhecimento científico à geração mais jovem e proporcionou a eles maior aproximação de outros saberes. Mas ainda não consegue romper com o paradigma da indústria cultural, as normas generalizadas do ensino formal e se apropriar das questões locais.

Hoje se impõe a problemática do reconhecimento local da cultura e das tradições compartilhada por comunidades da região. Cabe ao autor desse trabalho, filho da comunidade estudada, desenvolver um trabalho educativo de conscientização e sensibilização das questões socioculturais na comunidade.

A Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC) nos despertou o senso crítico e sensibilização para a valorização das origens e da cultura local, levando a pesquisar sobre a comunidade de Restauração, satisfazendo o desejo pessoal que já existia há muito tempo de fazer esse levantamento das origens, costumes, processo formativo das famílias de Restauração.

A pesquisa realizada revelou a necessidade de conscientização e resistência territorial na comunidade. Acreditamos que este material é essencial para fundamentar essa discussão na Comunidade sobre a importância de sua cultura e costumes, construídas ao longo da história pela comunidade e que nela me incluo.

O curso LEdoC prioriza a formação de competência e a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro docente. Atendendo a estes princípios, o futuro professor em formação deve estar consciente para orientar o caminho dos estudantes e membros das comunidades, para uma aprendizagem efetiva e comprometida com as questões locais e globais, resgatando o saberes tradicionais para que eles não sejam desvalorizados diante a pressão da cultura de manifestação imposta pelo atual modelo socioeconômico dominante.

A inserção da Escola Nagib Saad no projeto educação do campo foi fundamental para articulação de espaço de diálogo de conhecimento da origem das famílias, história da comunidade e a valorização dos fazeres e saberes tradicionais. Com amplo campo de debate a escola tem grande importância na formação de seus sujeitos quanto sujeitos independente e capaz.

Embora seja sabido que de tempos em tempos a mudanças naturalmente ocorrem nas comunidades, é preciso reconhecer a necessidade de uma posição mais política de Restauração no sentido de valorizar sua história, sua cultura e as tradições da comunidade.

REFERÊNCIAS

BARROS, João Moreira de. **Cuiabá e seu passado**. Resenha Tributária. Cuiabá. 1982.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Plano Setorial para as Culturas Indígenas**. Brasília – DF. 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão – SECADI. Brasília. SECADI. 2012.

CALDART, Roseli Salete, Paludo, Conceição, Doll, Johannes. **Como se formam os sujeitos do campo?** Idosos, adultos, jovens, crianças e educadores. Brasília: PRONERA: NEAD, 2006.

CASTRO, Edna. **Faces do Trópico Úmido: conceitos e novas questões sobre desenvolvimento e meio ambiente**. Belém: Cejup - UFPA - NAEA, 1997.

CATENACCI, Vivian. **Cultura popular entre a tradição e a transformação**. São Paulo. CientistaSocial. 2001.

FERREIRA, João Carlos Vicente. História de Santo Antônio de Leverger – Mato Grosso, 4 mar de 2010. Disponível em: <www.mtseusmunicipios.com.br/NG/conteudo.php?sid=224&cid>. Acesso em: 13 jan. 2012.

FREIRE, Paulo, 1921-1997. **Educação como prática da liberdade** / Paulo Freire. 14ª ed. Ver. Atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2010. **Censo Demográfico de 2010**. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dados referentes ao município de Santo Antônio do Leverger, fornecidos em meio eletrônico.

MARCONI, Marina Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 4ª ed. São Paulo: Atlas S.A., 2004.

MENDONÇA, Terezinha Furtado de Mendonça. **Gestão escolar, interculturalidade e protagonismo na escola indígena**. Cadete Adugo Kuiare. Cuiabá. Mato Grosso. 2006.

NEVES, Lucilia de Almeida. **Memória, história e sujeito**: substratos da identidade. UCMG. 1999.

NUNES, Rui Afonso da Costa. **Estrutura e funcionamento da Educação Básica**. São Paulo. Pioneira Thomson. 2004.

OLIVEIRA, Lucas Araújo. Sesmarias - nova divisão das terras no Brasil Colonial – História. 2009. Disponível em: www.historiabrasileira.com > Brasil Colônia. Acesso em: 01 de abril de 2013.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, **Escola Estadual Nagib Saad**. Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso, 2010.

RECK, Jair. **Novas Perspectivas para educação do campo em Mato Grosso**, Contexto e Concepções: (Re) Significado a Aprendizagem e a Vida. Cuiabá. Defanti. 2007.

SILVA, Paulo Renato da. **Memória, história e cidadania**. Caderno do CEOM – Ano 23, n. 32 – Etnicidades. 2010.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **História de Mato Grosso**: Da ancestralidade aos dias atuais. Cuiabá. Entrelinhas. 2002.

TERRITORIAIS, **Sistema de Informação**. Disponível em: <<http://sit.mda.gov.br>>. Acesso: outubro de 2011.

VIOLA DE COCHO, **Pontão de Cultura. Histórico do Cururu e Siriri**. Disponível: pontodeculturavioladecocho.blogspot.com/.../historico-do-cururu-e-siri... Acesso: novembro de 2013.

ANEXO 1

Roteiro de Entrevistas e Questionário para obtenção dos dados da pesquisa

ENTREVISTA

- Data da entrevista:

- Dados pessoais do(a) entrevistado(a):

- a) Qual seu nome completo?
- b) Onde nasceu (local de nascimento)? Nasceu no campo ou na cidade?
- c) Quantos anos tem? (idade)
- d) Em que data? Data de nascimento completa (dia/mês/ano)
- e) Qual seu estado civil?
- f) Quantos filhos tem? Onde nasceram?
- g) O Sr./Sra. teve oportunidade de estudar? Qual seu grau de instrução?
- h) Qual sua profissão? Com o que trabalhou ao longo de sua vida?

MEMÓRIAS DA FAMÍLIA SOBRE A COMUNIDADE

- 1. Há quanto tempo vive na comunidade Restauração?
- 2. O que você sabe sobre a formação da comunidade Restauração?
- 3. Por que o nome Restauração?
- 4. A qual família o senhor(a) pertence?

5. Como sua família chegou nesta comunidade?
6. Quais tradições culturais estão presentes na comunidade Restauração?
7. Como vê essas tradições culturais? São importantes ou tem outra opinião?
8. Como sua família contribuía ou ainda contribui para a existência destas tradições?
9. Identifica algum tipo de transformação nas tradições culturais da comunidade?
10. O que motivou as transformações culturais na comunidade Restauração?

MEMÓRIAS DA FAMÍLIA SOBRE A FORMAÇÃO/ESCOLA

1. Sua família se preocupava com a formação dos filhos? Dê que modo? Quando essa preocupação começou a surgir?
7. Como era feito o letramento das crianças na comunidade antes da chegada da escola?
8. O que mudou na comunidade com a chegada da escola na região? A chegada da escola modificou a cultura da comunidade?
9. A escola contribui para que as tradições da comunidade sejam mantidas?
9. Como a escola está contribuindo na formação social e cultural da comunidade Restauração?

Questionário

Localidade:, Data da visita:

I – DADOS GERAIS

Nome:, Localidade/município:

Idade (anos): A () 20; B () 21-30; C () 31-40; D () 41-50; E () + 50

Grau de Instrução:

A () analfabeto; B () primário; C () 1º Grau; D () 2º Grau; E () superior

Número de Pessoas Família:

A () 2-4; B () 5-7; C () 8-10; D () 11-13; E () + 13

Padrão da casa:

A () taipa; B () adobe; C () alvenaria; D () outros -----

Natural de:

A () Agrovila das Palmeiras; B () Cuiabá Mirim; C () Restauração; D () Mocotéia; Outros:

II – DADOS DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS:

01. Quais os principais usos dos produtos?

A () Venda direta; B () Alimento p/ animais; C () Ind. de Polpas; D () Fábrica de doces

02. Quantas pessoas na família participam das atividades? Retirada, Vendagem e Beneficiamento.

A () 2-4; B () 5-8; C () 9-12; D () 13-15; E () + 15

03. Distância da residência em relação ao local do trabalho. (km)

A () até 2; B () 3-4; C () 5-6; D () 7-8 E () + 8

04. Sempre trabalhou nesta área?

A () Sim; B () Não

05. Qual o motivo de ter mudado o local da área?

A () controle de doenças; B () Diminuiu a quantidade de produção; C () Proibição do proprietário; D () Mudou o local de residência; E () Outros:

06. Realiza o trabalho de extrativismo? Qual?

A () Sim: _____; B (x) Não

A () até 4; B () 5-10; C () 11-15; D () 16-20; E () + 20

08. Quando desenvolve a atividade de extrativismo você caça

A () Sim; B () Não

09. Qual a caça mais encontrada?

III- DADOS DE PRODUTIVIDADE? RENDA? COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO EXTRAVISTA E OU PRODUÇÃO AGRÍCOLA.

01. Além de extrativismo e ou agricultura tem outra atividade?

A () Sim; B () Não

02. Em caso positivo, qual?

A () Roça; B () Pecuária; C () Artesanato; D () Outros: _____

03.0 Recebe alguma bolsa, aposentadoria ou qualquer ajuda do governo na família?

A () Sim. Qual o Valor? salário mínimo; B () Não

04. Qual a renda mensal da família?

A () < 1 salário; B () 1-2 salário; C () 3-4 salário; D () > 4 salário

IV - DADOS DO SOCIAL/CULTURAL E DE POLÍTICAS

01. É filiada a alguma entidade? Sim

() Associação () Sindicato () Cooperativa: _____

02. Participa de alguma atividade religiosa?

A () Sim; B () Não

03. Qual a principal festa na sua região? Você participa?

A () Sim; B () Não

05. Como tem acesso ao médico?

06. Como tem acesso ao dentista?

07. Há quantos anos?

A () até 4; B () 5-10; C () 11-15; D () 16-20; E () + 20

08. Quando desenvolve a atividade de extrativismo você caça

A () Sim; B () Não

09. Qual a caça mais encontrada?

III- DADOS DE PRODUTIVIDADE? RENDA? COMERCIALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO EXTRAIVISTA E OU PRODUÇÃO AGRÍCOLA.

01. Além de extrativismo e ou agricultura tem outra atividade?

A () Sim; B () Não

02. Em caso positivo, qual?

A () Roça; B () Pecuária; C () Artesanato; D () Outros: _____

03.0 Recebe alguma bolsa, aposentadoria ou qualquer ajuda do governo na família?

A () Sim. Qual o Valor? salário mínimo; B () Não

04. Qual a renda mensal da família?

A () < 1 salário; B () 1-2 salário; C () 3-4 salário; D () > 4 salário

IV - DADOS DO SOCIAL/CULTURAL E DE POLÍTICAS

01. É filiada a alguma entidade? Sim

() Associação () Sindicato () Cooperativa: _____

02. Participa de alguma atividade religiosa?

A () Sim; B () Não

03. Qual a principal festa na sua região? Você participa?

A () Sim; B () Não

05. Como tem acesso ao médico?

06. Como tem acesso ao dentista?

07. No local onde vive você percebeu alguma mudança?

A) () B) ()

08. Qual (is) são a (s) principal (is) necessidade (s) de sua região?

09. Tem acesso ao Prefeito?

A () Sim; B () Não

10. Tem acesso ao Vereador?

A () Sim; B () Não

11. Qual a principal reivindicação que você faria a eles para a melhoria da sua região?

12. Participa de alguma atividade de cunho político?

A () Sim; B () Não

13. Participa de algum movimento social/ambiental? De que forma?

14. Participa de algum movimento social/ambiental? De que forma?

Responsável: